

# OS FIOS DE ARIADNE NA RENDA DE BILROS: MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE AS (DES) CONTINUIDADES DA MODERNIZAÇÃO BRASILEIRA NA PASSAGEM PARA O SÉCULO XX

Cecília de Alencar Serra e SEPÚLVEDA<sup>1</sup>  
Diego Ramon Souza PEREIRA<sup>2</sup>

Este Dossiê reúne pesquisas recentes que abordam o processo de modernização brasileiro ocorrido na passagem do século XIX para o século XX, sob uma perspectiva multidisciplinar. Os mesmos trazem à luz as contradições do projeto civilizatório encabeçado pelas camadas dirigentes da Primeira República e seus impactos sobre as diferentes camadas sociais, bem como sobre as populações tradicionais e étnicas que vieram a compor a nação em formação, ensejando reflexões sobre a pesquisa no campo amplo das Ciências Humanas e Linguagens, a partir do exemplo histórico brasileiro.

Segundo a mitologia grega, a princesa Ariadne entrega um novelo de linha para que o seu amor Teseu, ao entrar no labirinto do Minotauro, pudesse sair e retornar para os seus braços (BULFINCH, 2002). A produção de conhecimento social e histórico consiste na reconstrução de trajetórias, de linhas de conduta dos antepassados, recompostas em narrativas (INGOLD, 2007). São “estes fios” que nos auxiliam no entendimento sobre os processos de modernização de nosso país.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador – BA – Brasil. Doutora em Ciências Sociais em co-tutela com a École des Hautes Études en Sciences Sociales – Paris. Universidade de Paris XII, Instituto de Urbanismo – Paris. Mestre em Urbanismo e Territórios; Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador – BA – Brasil. Mestre em Ciências Sociais. Pesquisadora junto aos projetos O Imaginário Social e a Popularização da Medicina no Brasil, UFBA-CNPq; Investigação Colaborativa sobre Materiais Curriculares e Educativos para as Relações Étnico-raciais baseados na História do Racismo Científico UEFS/UFBA-CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2227-6046>. E-mail: [sepulvedacica@hotmail.com](mailto:sepulvedacica@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos – SP – Brasil. Doutorando em Sociologia. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador – BA – Brasil. Mestre em Ciências Sociais. Docente da Rede Estadual da Bahia desde 2013. Docente substituto da UNEB, desde 2018. Integrante do Grupo de Pesquisa Ideia e instituições para o desenvolvimento e a democracia, liderado pela Profª. Dra. Vera Alves Cepêda. ORCID <https://orcid.org/0000-0003-1912-6415>. E-mail: [drspereira@uneb.br](mailto:drspereira@uneb.br)

No entanto, em se tratando do Brasil, país tão diverso e desigual, o único fio de Ariadne não seria suficiente para tecer a trama complexa de sua formação como nação Luso-Afro-Ameríndia, situada no cone sul da América e com dimensões continentais. Única nação das Américas a se tornar um Império sob o auspício da nobreza europeia colonial, e não uma República, após a Independência, e última nação ocidental a abolir a escravidão africana em seu território (SCHWARCZ, 2018; SKIDMORE, 2012), o Brasil desafia as análises pautadas na grande narrativa ocidental e incita reflexões acerca de modernidades múltiplas e híbridas (EISENSTADIT, 2001; SANTOS, 2007).

Como em uma renda de Bilros, em que os fios partem de posições distintas para formar um intrincado tecido, este Dossiê busca trazer as diversas dimensões que conformam o Brasil que se (auto)intitula moderno a partir da passagem do século XIX para o século XX. Esta trama abrange as dimensões política, social e cultural da nossa História tangíveis unicamente sob uma perspectiva plurifocal no âmbito das Ciências Humanas e Linguagens. Procuramos, portanto, dar vasão à narrativa construída no interstício interdisciplinar da Sociologia, História, Ciências Políticas, Antropologia, Letras e Linguagens sobre o processo de modernização da sociedade brasileira.

O sentido de nação e consequentemente de modernidade para o Brasil permeia o pensamento dos intelectuais do período finissecular (MÍCELI, 2001; PÉCAUT, 1990), os quais se debruçam sobre as marcas deixadas e ainda presentes do processo colonial, da monocultura, da escravidão, do latifúndio e das práticas servis e clientelistas que rondam as relações sociais (BOMFIM, 1998; ROMERO, 2001). As classes dirigentes (acadêmicos, políticos, jornalistas, beletristas e outros) realmente tinham uma visão única de modernização e um sentido singular de nação? Ademais, como realmente o povo representava aquele contexto? Estas são questões que resultam em aporias sobre a modernidade tropical (VENTURA, 1991), as quais animam, ainda hoje, o pensamento social brasileiro.

A formação do Estado moderno, bem como a interdição legal do trabalho escravizado no Brasil e adoção do trabalho assalariado suscitaram anseios de diversos setores sociais. A República era uma incógnita para a qual confluíam projeções divergentes, podendo representar o igualitarismo ensejado pela campanha abolicionista (SCHWARCZ, 2012) — através do rompimento da estrutura aristocrática vigente no Império — ou um projeto civilizatório excludente que visava a importação de valores europeus e o embranquecimento da população brasileira, através da política de incentivo à imigração de trabalhadores vindos da Europa (CHALHOUB, 1996).

Passada a instabilidade política, experimentada durante os mandatos de dois militares na presidência da neófito República, o pacto federativo se estabeleceu sob a hegemonia dos grandes proprietários rurais do Sudeste, representados, inicialmente, nos mandatos consecutivos de dois fazendeiros paulistas, Prudente de Moraes (1894-1898) e Campos Sales (1898-1902). O novo regime consolidava-se sustentado em uma política de modernização elitista e tecnocrática que excluía a participação social e política da classe trabalhadora mestiça, descendentes de escravos e ameríndios que enfrentavam sólidas barreiras à ascensão social (CARVALHO, 1987).

No plano das ideias e das letras, a apropriação do racismo científico — tecido em teorias como o organicismo de Spencer, o determinismo geográfico e racial de Taine e o Darwinismo Social — contribuiu para o estabelecimento de novos mecanismos de dominação e para a formação de uma nova hierarquia social, baseada não mais na oposição entre senhores e escravos, mas na dicotomia entre ocidentalizados brancos e “incivilizados” não brancos (SCHWARCZ, 1991; SEVECENKO, 1995; NEEDEL 1993).

Tendo em vista as contradições que envolvem a configuração do Brasil moderno visíveis sob a perspectiva dos diferentes ramos das Ciências Sociais, o presente Dossiê aborda questões políticas acerca da reconfiguração do Estado brasileiro, sob o impacto da construção do federalismo republicano. O mesmo estabeleceu tensões com interesses regionais de amplo espectro, abrangendo dimensões econômicas e identitárias (FERNANDES, 2000).

Do mesmo modo, no campo da Sociologia, os artigos reunidos enriquecem o pensamento social brasileiro, trazendo à luz interpretações e experiências biográficas compostas no contexto do projeto civilizatório da Primeira República. Estão presentes investigações que revisitam obras canônicas com as de Sílvio Romero (1851-1914), Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), Felisbello Freire (1858-1916), Júlio Ribeiro (1845-1890), Coelho Neto (1864-1934), bem como pesquisas sobre a atuação de intelectuais pouco conhecidos, tendo em conta obstáculos regionais, raciais, sociais e de gênero. No âmbito da investigação Antropológica, os artigos neste dossiê abrangem a configuração da alteridade no contexto de formação da nação brasileira, abordando narrativas, histórias de vida e acontecimentos que envolvem a construção das diferenças entre os diversos agrupamentos humanos que compõem o Brasil: uma nação que agrupa nações (OLIVEIRA, 1998).

A modernidade à moda brasileira, nada linear e tampouco universal, traz à baila a premência de reformulação de conceitos da sociologia clássica conformada, por sua vez, no âmbito das especificidades do processo de industrializa-

ção e de expansão do capitalismo europeu da segunda metade do século XIX (GIDDENS, 1991). Nesse sentido, o presente dossiê contém reflexões teóricas sobre a modernidade e suas (re)configurações, tendo como exemplo as contradições da ocidentalização no Brasil e seus impactos tão homogeneizantes, quanto estimuladores da diversificação cultural (MARCUS, 1991). Entende-se, logo, que a produção de conhecimento em torno do processo de modernização da sociedade brasileira é fundamental para a compreensão das desigualdades sociais, cujas raízes remontam à reconfiguração política, sociocultural e econômica do país após a abolição e proclamação da República.

São muitos questionamentos que rondam este período emblemático do nosso país, circundado de muitos fios. Com a intenção tecer estes fios, os trabalhos reunidos descortinam o processo de modernização instaurado pela iniciante República, como fenômeno crucial do nosso pensamento social e político, dando relevo aos seus impactos disciplinadores sobre os corpos negros dos africanos e de seus descendentes “recém libertos” das senzalas. O seu objetivo é compreender as desigualdades instituídas nesse período basilar de nossa história, priorizando a interseccionalidade como aspecto constitutivo das relações de poder. No novo desenrolar dos fios e das rendas que cercam o projeto de modernização brasileira, não se pode desconsiderar a produção de realidades e as representações do cotidiano elaboradas pelos “subalternizados” ou “bestializados” como pontua Carvalho (1987). Os olhares múltiplos a serem abarcados evidenciam não apenas a perspectiva dos dominantes como também a dos subalternos (SPIVAK, 2010).

Visando um olhar plural acerca do período, este dossiê congrega trabalhos interseccionais, com conhecimentos das Ciências Humanas e das Linguagens, possuindo como pano de fundo o cenário social vigente no Brasil no final do século XIX e início do século XX, período que ficou marcado na história do Brasil. Estão na mira as narrativas canônicas — interpretações do Brasil produzidas por intelectuais da época (beletristas, jornalistas, políticos, acadêmicos) — como também as exaltações das narrativas do cotidiano feitas por outros sujeitos (ex-escravizados, cordelistas, cantadores, trovadores, populares, entre outros), ensejando a reconstrução de subjetividades subalternas (SPIVAK, 2010).

Sob o título “Os ‘Tipos de rua’ e a loucura no cotidiano de São João del-Rei (fins do século XIX- início do XX)”, o primeiro artigo conta com a autoria de Arthur M. S. Vagas, mestrando do Programa de Pós-graduação em História da UFMG e analisa a relação entre loucos e não-loucos, a partir dos “tipos de rua”. Destaca a ligação desses personagens com o universo capitalista do trabalho, bem como a presença deles no cotidiano da cidade, como parte

significativa da vida urbana. Entre a simpatia e o estranhamento, os “tipos de rua” foram alvos de medidas regulatórias de caráter higienista típico das intervenções do poder público sobre o espaço urbano brasileiro naquela quadra histórica. Estes aspectos são investigados, a partir da análise de periódicos como *O Repórter* (1905-1914) e de trabalhos literários e memorialísticos, nos quais são notórios os discursos e práticas alienistas, durante a gênese do saber-poder psiquiátrico no Brasil.

Destaca-se no artigo a investigação teórica sobre a aplicação conceitual da categoria “tipo popular” ou “tipo de rua”, considerando o seu sentido histórico em São João del-Rei, dialogando com pesquisas como as de Magali Engel (2001) e Helena Morley (2017). O modo como o saber leigo da elite letrada de São João del-Rei abordou a presença dos “tipos populares” ou “loucos de rua”, ora como emblemas da cidade que serviam à distração dos habitantes, ora como doentes perigosos a serem tratados, exemplifica o desenvolvimento de uma engenharia social pautada nas novas ciências médicas. O artigo demonstra as transformações do espaço urbano brasileiro para a adequação das cidades ao modo de vida burguês na nova ordem industrial capitalista.

Intitulado “A Representação dos negros no Romance Naturalista Brasileiro”, o artigo de Onildo Araújo Correa, Mestrando em Sociologia e Antropologia pela UFRJ, investia o imaginário acerca da negritude na literatura brasileira, analisando personagens em quatro obras: *As Vítimas Algozes* (1869) de Joaquim Manuel de Macedo, *A Carne* (1888) de Júlio Ribeiro, *Praga* (1890) e *O Rei Negro* (1914) de Coelho Neto. O texto registra a convergência entre o imaginário social fomentado pela elite letrada brasileira e as teorias do racismo científico que defendiam o embranquecimento da sociedade brasileira, tanto em suas matrizes genéticas quanto em suas bases culturais. Buscando compreender os estereótipos sobre os negros recorrentes na nossa literatura, a pesquisa lança mão de categorias analíticas que classificam os personagens negros, de acordo com o seu papel na trama literária.

O terceiro texto desta coletânea foi escrito por Lucas Gabriel Feliciano Costa, mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), com o título “O legado de Eva: representação social de mulheres e seu trabalho no Rio de Janeiro na virada do século (XIX - XX)”. O autor aborda, a partir de fontes documentais (entre 1889 e 1902), presentes no acervo digital da Biblioteca Nacional, a vida de mulheres no Rio de Janeiro, naquele momento Capital Federal da nascente República Brasileira. As duas dimensões abarcadas no texto são: processo de socialização e incorporação das mulheres no mundo do trabalho da época, bem como o papel da família e do cuidado dentro da esfera

do feminino. Pistas interpretativas são dadas ao longo da leitura do texto, em especial sobre as relações de gênero.

Já o quarto texto é assinado pelo sergipano Fábio Silva Souza, doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe, denominado “Ciência e Política na transição para o século XX: meio e raça como elementos norteadores de uma nação”. Do próprio título já entendemos que os “fios” que o autor desenrola para interpretar o período de transição finissecular, são o da raça e o do contexto pós abolição. Para tanto, ele articula a esfera da ciência racista, de cunho lombrosiano, e o cenário conservador político da época. O que se destaca neste texto é o contexto do folclore como materialidade do nosso “atraso” social fruto de nossa hibridização racial. Este processo miscigenado percorre a produção de intelectuais nordestinos como Sílvio Romero e Felisbelo Freire, não tão convencionais do pensamento social brasileiro. Portanto, Fábio resgata um contexto importante para o nosso novelo da modernidade, através dos fios do folclore e da obra de intelectuais nordestinos.

Fechando esta coletânea, o texto situa o entrelaçamento da literatura com a construção da ideologia racialista, após a abolição, que legitimou a manutenção de desigualdades extremas na estrutura social brasileira, pensadas não mais sob a dicotomia senhor-escravo, mas sob a base de uma hierarquia racial que sobrepõe os brancos sobre pretos e pardos.

## REFERÊNCIAS

- BOMFIM, M. **O Brasil Nação**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- BULFINCH, T. **O livro de ouro da Mitologia**: histórias de deuses e heróis. 26. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- CARVALHO, J. M. de. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CHALHOUB, S. **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- EISENSTADT, S. N. Modernidades múltiplas. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 35, p. 139 - 163, abr. 2001.
- FERNANDES, F. A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica. *In*: SILVIANO, S. (Coord.). **Intérpretes do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. vol. 3. p. 980 - 1562.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

INGOLD, T. **Lines**: a brief history. London and New York: Routledge, 2007.

MARCUS, G. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX a nível mundial. **Revista de Antropologia**. São Paulo, n. 34, p. 197-221, 1991.

MICELI, S. Poder, sexo e letras na República Velha. In: MICELI, S. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Cia das Letras, 2001. p. 102-201.

NEEDELL, J. **Belle Époque tropical**: sociedade e cultura da elite no Rio de Janeiro na virada do século. Tradução Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

OLIVEIRA, R. C. de. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Quinze; São Paulo: Ed. da Unesp, 1998.

PÉCAUT, D. **Intelectuais e a política no Brasil**: entre o povo e a nação. Tradução Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1990.

ROMERO, S. **Compêndio de história da literatura brasileira**. Colaboração João Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago: Ed. UFS, 2001.

SANTOS, B. DE S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, n.79, p. 71–94, nov. 2007.

SCHWARCZ, L. M. Brasil viveu um processo de amnésia nacional sobre a escravidão, diz historiadora. Entrevista concedida à Júlia Dias Carneiro. **BBC Brasil, São Paulo**, 10 maio 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44034767>. Acesso em: 01 abr. 2023.

SCHWARCZ, L. M. (coord.). **História do Brasil Nação**: 1808-2010. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. v.3.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SKIDMORE, T. E. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930). Tradução Donaldson M. Garschagen; prefácio Lília Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.

VENTURA, R. **Estilo tropical**: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.